

Povos Indígenas no Brasil

Fonte 10 Liberal Class.: Manejo
Data 11/03/89 Pg.: 03

Manejo florestal sofre a ameaça do desinteresse

A falta de interesse de autoridades e empresas inviabiliza um dos poucos projetos com possibilidade de evitar a agressão ao ecossistema florestal da Amazônia. Trata-se do projeto de Manejo Florestal, coordenado por Juris Jankauskis, do Departamento de Manejo Florestal da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, e realizado há 15 anos, com apoio da Sudam, na reserva de silvicultura tropical do Centro de Tecnologia Madeireira da Sudam, em Curuá-Una, Santarém, com apenas 30% de seu real desenvolvimento.

O manejo florestal visa educar e reconstruir o meio ambiente de maneira mais produtiva que na forma natural, e garantir a manutenção do ecossistema nas áreas em que a exploração madeireira está sempre ativa. Jankauskis diz que, em 1959, a FAO, órgão das Nações Unidas para o desenvolvimento da agricultura, reconheceu que é possível explorar comercialmente as florestas sem agredir a natureza, desde que haja controle da decomposição orgânica.

Após vários anos, pesquisadores da área do Curuá-Una constataram que muitas espécies vegetais adequadas à exploração comercial bloqueiam o crescimento de outras espécies ao produzirem substâncias orgânicas próprias quando se decompõem no solo. Juris e uma equipe de agrônomos, após a exploração florestal de uma área de 100 hectares, observaram as árvores que não serviam às empresas.

Verificou-se que a produtividade bioquímica (o volume dos troncos, repostos em milímetros cúbicos) era grande mas os

troncos muito finos: teriam permanecido árvores inibidoras no local. "Se a natureza continuasse a fazer o serviço normalmente, as árvores levariam cerca de 150 anos para adquirir suas formas ideais", diz Juris. A possibilidade de crescimento é bem maior e melhor para a exploração e manutenção do ecossistema, com a retirada das árvores inibidoras.

Esse trabalho, sob intensa vigilância, pode revigorar a produtividade bioquímica dos vegetais lesados: em 100 hectares existem 11 tipos de composição botânica, ou seja, 11 florestas distintas, a exigir tratamentos distintos, o que se torna economicamente inviável. Por isso a FCAP e a Sudam procuram avaliar os elementos comuns a todo o ecossistema e trabalhar em cima deles.

A intenção de ampliar o projeto para mil hectares esbarra na falta de recursos financeiros. Cinco técnicos a nível de doutorado, quatro de mestrado e três graduados, além de estudantes da FCAP, trabalham nele. A Amazônia, segundo Juris, não precisa se fechar a novos projetos, pois o sucesso deste é comprovado, mesmo sem o apoio devido.

Os recursos utilizados até agora são restritos à Sudam. Um convênio assinado entre a Funai, a FCAP e a Sudam para estudos na exploração florestal das reservas indígenas, porém, pode possibilitar sua aplicação. Outras entidades foram sondadas em vão: empresas e autoridades negam apoio financeiro, por não considerar o projeto prioritário.